

Colonialismo e experiências missionárias em África: os casos de Angola e Uganda (séculos XIX e XX)

Colonialism and missionary experiences in Africa: the cases of Angola and Uganda (19th and 20th centuries)

Colonialismo y experiencias misioneras en África: los casos de Angola y Uganda (siglos XIX y XX)

Thiago Henrique Sampaio¹



SILVA, Lúcia Helena Oliveira. *Colonialismo e cristianidade em espaços missionários em Uganda e Angola: séculos XIX e XX*. São Paulo: FFLCH: USP, 2022. 120 p.

Na atualidade ao se depararmos com as diversas pesquisas sobre África e os africanos que ocorrem em universidades e outras instituições não imaginamos o longo percurso de sua institucionalização no Brasil. A partir dos anos de 1950, surgiram diversos centros de investigação que compartilhavam do estímulo oferecido pela formação dos Estados Nacionais africanos, suas lutas de libertação colonial que se intensificaram desde o final da Segunda Guerra Mundial e as novas relações da política externa brasileira em relação a África (Dávila, 2011).

Entre os centros de pesquisas, podemos mencionar, que em finais da década de 1950 e das seguintes estão o Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia, criado em 1959, que consolidou a forte tradição de estudos sobre culturas africanas no estado da Bahia; o Centro de Estudos Africanos da Universidade de São Paulo, fundado em 1969, que participou ativamente na formação e intercâmbio de diversos pesquisadores das universidades africanas; e o Centro de Estudos Afro-Asiáticos (CEAA), organizado em 1973 por Cândido Mendes, um dos grandes pensadores e promotores de uma política externa brasileira em relação ao continente africano durante o governo Jânio Quadros (Reginaldo; Ferreira, 2021).

Na década de 1980, uma vertente da historiografia da escravidão se desenvolveu no Brasil que contribuiu de maneira ímpar para a consolidação da história da África. As duas grandes referências dessa linha são as obras *A rebelião escrava no Brasil. A história do levante dos Malês em 1835* de João José Reis, que teve uma edição revista e ampliada em 2003, e o livro *Na senzala uma flor: esperanças na formação da família escrava. Brasil, Sudeste, século XIX* (1999), de Robert Slenes, que demonstrou as contribuições das heranças africanas no sudeste brasileiro. Ambos os livros tiveram uma importância singular na formação de novos africanistas devido abordagens, metodologias e temas que traçam as produções recentes de Estudos Africanos no país (Reginaldo; Ferreira, 2021).

Paralelamente a historiografia da escravidão que estava sendo desenvolvida, outros processos possibilitaram os estabelecimentos de condições para o desenvolvimento de pesquisas em África, que também remontavam ao final da década de 1980, e vinculados ao forte ativismo dos movimentos sociais negros que ajudaram na elaboração e formulação de políticas públicas em diversas



esferas políticas (federal, estaduais e municipais) na área da educação. Entre as grandes conquistas obtidas por esse grupo estão os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), em 1996; a aprovação das leis 10.639/2003 e 11.645/2008 que garantem a obrigatoriedade dos estudos de História e Cultura Africana, Afro-brasileira e Indígena nas escolas públicas e privadas de Educação Básica no Brasil; as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, com sua posterior regulamentação pelo Parecer CNE/CP 03/2004 e pela Resolução CNE/CP 01/2004. Essas legislações, além de expressarem a diversidade étnico-racial resultante da formação do país, possibilitaram maneiras e debates efetivos de enfrentamento ao racismo e a discriminação nos contextos sociais e educacionais, pois desenvolveram práticas pedagógicas que promoveram políticas de igualdade étnico-racial.

Nas últimas duas décadas, acompanhamos o aumento de pesquisas e formações de diversos pesquisadores, livros, publicações e grupos de estudos que orbitam suas temáticas no campo dos Estudos Africanos em diversos centros universitários nacionais. É a partir dessas perspectivas de expansão da área que se encaixa a obra *Colonialismo e cristianidade em espaços missionários em Uganda e Angola: séculos XIX e XX* escrito por Lúcia Helena Oliveira Silva. O livro reúne um conjunto de textos vinculados a autora de sua participação no projeto internacional de pesquisa “Fontes e Pesquisas sobre a História das Missões Cristãs na África: arquivos e acervos (Séculos XVIII-XIX)”, coordenados por ela, Patrícia Teixeira Santos (UNIFESP) e Elvira Cunha de Azevedo Silva Mea (Universidade do Porto).

O livro encontra-se dividido em prefácio escrito por Patrícia Teixeira Santos (UNIFESP) e Nuno de Pinho Falcão (UNILAB), introdução e cinco capítulos que discutem sobre o processo de experiências missionárias no continente africano, especialmente sobre Angola e Uganda. A obra demonstrou a complexidade e os paradoxos dos espaços missionários devido as diversidades confessionais, institucionais, geográficas e culturais que as missões encontraram no continente africano e nas intervenções das culturas materiais e processos de socialização empregadas por elas as populações locais.

Em seu primeiro capítulo, “Fontes e pesquisas da história das missões na África: arquivos e acervos” faz uma defesa relevante e elucidativa sobre os estudos da história das missões em África e demonstrou uma reflexão de caráter metodológico sobre os fundos e acervos documentais que permitem uma ampla gama de possibilidade de pesquisas nessa temática. Nos dois escritos seguintes,



“Negociando religiosidades no pré-colonialismo: missionários em Buganda (1868-1956)” e “Conversão e negociação: bagandas e missionários no reino de Uganda”, Lúcia Helena apresentou a atuação missionária anglicana através da *Church Missionary Society* em territórios africanos na região dos Grandes Lagos e as tensões encontradas naquela localidade. Em seus últimos textos, “Cristianismo e civilidade: a atuação dos missionários espiritanos em Angola” e “Missionários espiritanos, carisma e ações em África” a autora descreveu a atuação de congregações religiosas católicas, no caso a Congregação do Espírito Santo, uma entidade clerical de origem francesa que ao longo dos séculos XIX e XX tiveram uma forte atuação no território angolano, principalmente durante a colonização e dominação portuguesa.

Nesses textos, o leitor percebe as duas linhas de pesquisa que Lúcia Helena Oliveira Silva tem seguido na área de história das missões. Além disso, possibilitou notarmos de forma comparativa a atuação de missionários católicos e protestantes em áreas distintas do continente africano, a Oriental e Central, que tiveram empreendimentos colonialistas diversos, em cada caso específico: Angola colonizada por Portugal e Uganda pela Inglaterra.

A historiografia sobre as missões religiosas em África demonstrou que o processo conhecido como missionação caminhou junto com a expansão colonial. As experiências missionárias afetaram as dinâmicas culturais, religiosas, econômicas e políticas das sociedades missionadas, pois levaram uma determinada ideia de civilização que descartava completamente os aspectos singulares da história africana.

Podemos dividir a presença missionária em África em quatro momentos distintos. O primeiro iniciado com o processo de expansão portuguesa até o século XVIII, no qual o processo de missionação foi intensificado com o trabalho clerical que se direcionava a conversão de chefes africanos. Esses missionários buscaram aprender as línguas e traduzir suas atividades ritualísticas para a compreensão da população local, isso possibilitou uma melhor aceitação do clero por parte dos povos locais que se integraram com seus costumes.

O segundo momento se iniciou em finais do século XVIII e pendurou na primeira metade da centúria seguinte, onde a ação missionária esteve subordinada a Propaganda Fide. O sucesso do processo evangelizador estava ligado a adesão das elites africanas ao discurso colonizador. A subordinação dessa camada populacional permitiu diversas transformações das condições materiais e surgimento de grupos de profissionais liberais em suas localidades. Assim, percebemos que a experiência missionária entre o Setecentos e



o Oitocentos passou pela ênfase e sucesso dos processos de negociações oriundos das alianças políticas com as chefaturas e soberanos locais. Algumas vozes destoantes desse processo ficaram amplamente conhecidos como o caso de Daniel Comboni (Santos, 2002), missionário oitocentista, que defendia a regeneração da África pela África, ou seja, que o clero local poderia ser o condutor da Igreja no continente africano. Entretanto, como a historiografia demonstrou, essa proposta teve pouco espaço nas políticas coloniais implementadas. Foi nesse momento que teve início o processo de monumentalização da experiência missionária com a criação de instituições arquivistas, museus e estudos na área de missiologia.

A terceira fase que começou em finais de Oitocentos e pendurou ao longo do século XX, mostraram que a experiência missionária estavam atrelada a um processo de subordinação aos Impérios Coloniais. Os missionários ajudaram na estruturação do Estado Colonial com a construção de hospital e escolas, além de ajudarem em sistemas hierárquicos, classificatórios e de registros das populações locais. Fora isso, tiveram atuações econômicas importantes para o recrutamento de trabalho forçado nas áreas missionadas. Nesse momento, percebemos uma produção heterogênea de fontes como diários de missões, coleções etnográficas, cartas de leitores e filantropos, periódicos missionários e, posteriormente no Novecentos, documentos audiovisuais.

Em sua obra, Lúcia Helena apresentou ao público esse complexo processo em final de XIX e na primeira metade do século XX. No escrito, percebemos que a autora resgatou pessoas que vivenciaram as transformações de fé, costumes e outros, como o caso apresentado de Ham Mukasa que teve sua biografia incorporada aos livros produzidos pela Igreja Anglicana e utilizado na divulgação da fé cristã na região de Uganda.

Vale ressaltar que o processo de mudança de fé tanto em Angola como em Uganda fizeram com que a população local adotasse um modo de vida ocidental que contribuiu para o apagamento de sua cultura local. Podemos mencionar como exemplo dessa dinâmica o desaparecimento das funções femininas nas estruturas burocráticas de poder do Estado Colonial. Com a intensificação do processo de roedura do continente africano (Hernandez, 2008), outros mecanismos de silenciamento e apagamentos foram utilizados pelo colonialismo.

A última etapa da presença missionária em África está atrelada com a luta de libertação colonial e os contextos pós-coloniais, onde as populações locais buscaram novos sentidos para as ações evangelizadoras e procuraram



“africanizar” os espaços missionários. Desta forma, houveram a emergência dos chamados cristianismo africanos que se consolidaram como espaços de combate anticoloniais e possibilitaram o aparecimento de lideranças nos processos de independências. Nos casos da guerra anticolonial em Angola e as negociações emancipatórias de Uganda não foram diferentes do restante do continente, nessas localidades essas dinâmicas foram encabeçadas por pessoas oriundas de espaços missionários.

O desenvolvimento dessa última fase permitiu o aparecimento de novas abordagens sobre a história das missões em África. Na década de 1970, as experiências missionárias tornaram-se objeto de pesquisas para antropólogos, historiadores, etnógrafos que entenderam a ação missionária dentro de um processo de mediação e trânsito entre culturas. Assim, o espaço missionado começou a ser encarado como um universo construído entre africanos e europeus. As primeiras pesquisas buscaram recuperar as narrativas da África pré-colonial, colonial e pós-colonial presentes nas fontes missionárias. A interdisciplinaridade entre História, Linguística, Sociologia e Antropologia foram uma marca deste início que se prolongaram até os mais recentes estudos.

Já na década de 1980 em diante, com a conjuntura e dilemas pós-colonial, as instituições religiosas e seus arquivos fizeram questionamento acerca dos acervos coloniais. Para alguns, essa documentação ficou conhecida como “acervos da vergonha”, mas com o apoio de dioceses africanas e cleros locais essas fontes passaram por um processo de ressignificação da compreensão da memória das missões nas novas entidades políticas que apareceram em África.

A obra *Colonialismo e cristianidade em espaços missionários em Uganda e Angola* de Lúcia Helena Oliveira Silva apresentou de maneira singular que as missões não foram apenas braços do processo de conquista, mas foram lugares que possibilitaram a criação de zonas de contato para processos de negociações políticos, econômicos, religiosos, sociais e de alteridades culturais compreendidas nas fontes deixadas por missionários e congregações religiosas.

Lúcia Helena trouxe uma problemática extremamente contemporânea para pensarmos o continente africano: os trânsitos culturais e os processos de ressignificação nos contextos pós-coloniais. A partir destes dilemas e inquietações, percebemos que seu livro se faz necessário sua leitura pelos diversos pesquisadores dos Estudos Africanos no Brasil. É um escrito ímpar ao apresentar processos de experiências missionárias em localidades de colonialismos distintos.

O livro termina com uma reflexão em aberto demonstrando que a autora



produzirá novos escritos sobre a temática missionária em África oportunamente. No entanto, em sua configuração atual, a obra já responde a uma importante demanda sobre a necessidade de estudos no país sobre os espaços missionários do continente africano.

Em um momento histórico atravessado pelo Brasil, onde aconteceu desmanche de investimentos em verbas educacionais, recursos e fundos de pesquisas reduzidos e críticas as políticas públicas de combate ao racismo, a obra de Lúcia Helena de Oliveira Silva é extremamente importante para compreendermos a importância da história e cultura africana e afro-brasileira para a construção do país.

Referências

DÁVILA, Jerry. *Hotel trópico: o Brasil e o desafio da descolonização africana (1950-1980)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

HERNANDEZ, Leila Maria Gonçalves Leite. *Á África na sala de aula: visita à história contemporânea*. São Paulo: Selo Negro, 2008.

REGINALDO, Lucilene; FERREIRA, Roquinaldo. *África, margens e oceanos: perspectivas de história social*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2021.

REIS, João José. *Rebelião escrava no Brasil: a história do levante dos Malês em 1835*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SANTOS, Patrícia Teixeira. *Dom Comboni: profeta da África e santo no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

SLENES, Robert W. *Na senzala uma flor: esperanças e recordações na formação da família escrava. Brasil, Sudeste, século XIX*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

Notas

¹Unesp - Assis-SP.